

METROPOLE

SSA-BA

Casa das gavetas

WWW.METRO1.COM.BR

03 FEV 2022

No retorno do recesso parlamentar, deputados até tentam emplacar CPI da Coelba. Retrospecto, no entanto, mostra que Assembleia Legislativa da Bahia não possui tradição investigativa. Na história moderna são apenas quatro CPIs e pouco resultado efetivo. Págs 4 e 5



Ulisses faz 100 anos no dia de Iemanjá

James Martins

Shrek, um ogro feliz no seu pântano, rasga uma página de um conto-de-fadas para tranquilamente limpar a bunda após uma bela cagada. A piada, de grande sofisticação, joga metalinguisticamente com o gênero literário que o filme de 2001 pretende satirizar. E se você riu vendo a cena, é bem capaz de rir também lendo “Ulysses”, o livro de James Joyce que inaugurou essa mesma piada quase um século antes. Por falar em século, nesta quarta-feira, 2 de fevereiro, a obra comemora exatos 100 anos de sua publicação. O problema é que você provavelmente nunca leu Ulysses. Nem sequer “Ulisses”, mesmo que o Brasil tenha três traduções publicadas em língua nacional, verdadeiro recorde, quase inexplicável para um país de analfabetos. Certamente te botaram medo, passando em sua cara a inovação ostensiva, o vocabulário monumental, a profunda erudição em diálogo com tradições que remontam desde o Homero do título até o mais fino William Shakespeare. E tudo isso é verdade. Mas, relaxe, não é por acaso que o aniversário do livro cai jus-

tamente no dia de Iemanjá, como não foi à toa que o próprio Joyce nasceu nesta data, dia de Nossa Senhora das Candeias, aquela que apareceu numa praia. Pois se Shrek gosta do pântano, Joyce ama o mar, este mesmo mar do Rio Vermelho onde deixamos presentes à mãe d’água, assim como gostava da vida e de uma cachacinha. E é por essas e outras que podemos muito bem traduzir o homérico “epi oinopa ponton” como “a praia do rio vermelho cheia de vinho” e nos embriagar de Ulisses até o cu fazer bico.

O escritor Anthony Burgess defendia que, se houve um escritor popular em algum tempo e lugar, esse escritor foi James Joyce. Pois tomando-o por seu braço baiano (ele, que de fato nasceu na baía de Dublin), esta verdade torna-se até cristalina. Tudo de que trata o Ulisses é o que acontece num dia comum de um homem comum — e corno! Leopold Bloom é o retrato do artista quando maduro, mas é também um pouco cada um de nós. Especialmente os não especiais. A grande anedota do livro é revelar que no mais banal de um pai de família estão se

processando sempre as peripécias heróicas de um Odisseu. Ou Ulisses, em língua latina. O cara do telemarketing e a moça vendedora de mingau. Dizem que, no dia em que decidiu entregar a edição para Sylvia Beach (uma predestinada, com esse nome praieiro), Joyce passou pelo filho do porteiro do prédio onde morava então e disse a ela: “Um dia esse menino lerá o Ulisses”.

Ele fez outra profecia a respeito da própria obra. A de que esta desafiaria os estudiosos, os manteria ocupados por 300 anos. Até aqui, a um terço do caminho, o vaticínio vem se cumprindo. Mas eu quero ver também cumprir-se a previsão sobre o filho do porteiro. Ulisses tão popular quanto Shrek? Há um dado interessante que pouca gente sabe: o primeiro cinema de Dublin foi um empreendimento de Mr. Joyce. Os signos se cruzam. Na beira do mar. Naquele 2 de fevereiro, James Joyce (Tiago Prazeres em português) celebrava 40 anos de vida. Prazeres aos quais ele sempre soube dizer sim. E que nos lega com sua obra. Sim eu disse sim eu quero sim.

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Chayenne Guerreiro, Geovana Oliveira, Maria Clara Andrade e Tailane Muniz**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000





tacio moreira/metropress

Cartórios

Privatizados há dez anos, cartórios de registro de imóveis não têm concorrência em Salvador. Sete deles dominam áreas da cidade estabelecendo suas próprias normas e horários de serviço. O **Jornal da Metrópole** expôs o problema na edição do dia 20 de janeiro. Até agora nenhum representante foi localizado para falar sobre o (mau) serviço.



dimitri argolo cerqueira/metropress

2 de Julho

Entrando no oitavo mês com salários atrasados, os professores da Faculdade 2 de Julho decidiram apresentar uma denúncia ao Ministério Público da Bahia pedindo uma intervenção na insituição. A gestão ainda não cumpriu o acordo apresentado aos docentes, que estão em greve há três meses.



foto do leitor/divulgação

Faculdade Batista

Sem salários há sete meses, professores da Faculdade Batista Brasileira (FBB), no bairro do Itaigara, estão passando fome. Diante da situação, os docentes recorreram a uma vaquinha para conseguir comprar cestas básicas. A FBB deve R\$ 1,8 milhão aos mais de 50 professores. Mesmo com a crise, a gestão ignora a classe e se nega a negociar a dívida.



foto do leitor/divulgação

Denúncia de racismo

O fundador de um projeto social com crianças e adolescentes denunciou, em um vídeo publicado nas suas redes sociais, um caso de racismo no Bompreço, do Salvador Shopping. Yuri Carlton afirma que, dentro do estabelecimento, três meninos participantes

do projeto teriam sido trancados em uma sala, acusados injustamente de furto. Lá, eles teriam sofrido uma série de agressões e ameaças de morte. Diante da repercussão do caso, a direção do supermercado afastou os seguranças envolvidos no caso.



dimitri argolo cerqueira/metropress

Moura Dubeux

Alvo de uma operação da Polícia Civil, a Moura Dubeux tem tentado reverter a crise provocada contra sua imagem com recebimento de prêmios. A empresa, além de sombrear a praia de Ondina, tem vendido imóveis sem registro de incorporação (RI). A sociedade baiana aguarda o resultado da operação deflagrada pela polícia

Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA
para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS
srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

Não vamos investigar nada

Apenas quatro CPIs na história da AL-BA tiveram algum tipo de desdobramento. Em via de regra, pedidos são engavetados, caminho que a investigação da Coelba parece seguir

Texto **Chayenne Guerreiro**

chayenne.guerreiro@radiometropole.com.br

Há exatos 30 anos, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) chegava mais longe que qualquer outra no Brasil: derrubava um presidente. A investigação contra Fernando Collor de Mello e seu relatório final foram as peças que faltavam para dar início ao pedido de impeachment. Nos anos seguintes, outras comissões também ganhavam destaque no país, a exemplo da CPI do Paineis (2001), do Mensalão (2005) e mesmo, mais recentemente, da Covid (2021).

Na Bahia, o caminho trilhado está longe de ser parecido. As CPIs são encerradas antes mesmo de começar. Outras se perdem no tempo e no espaço, finalizadas sem a execução de um relatório final. A experiência mais recente foi a tentativa de instaurar uma comissão para investigar o grupo Neoenergia, que administra a Coelba.

Proposto em novembro pelo deputado Tum (PSC), e apresentado com o aval de 39 deputados — 18 a mais que o mínimo necessário —, o requerimento de CPI prevê investigar ações e omissões da empresa que registrou lucro de R\$ 10 bilhões no primeiro quadrimestre de 2020 e ocupa o topo do ranking de reclamações do Procon-Bahia.

A comissão, no entanto, mal nasceu e já enfrentou todos os percalços possí-

veis. Ainda em novembro, Tum afirmou que a concessionária de energia teria assediado parlamentares para uma reunião a “portas fechadas”. Logo depois, a bancada de oposição decidiu retirar as assinaturas de apoio à abertura da CPI. A decisão foi justificada pelas tentativas do bloco governista de emplacar presidência e relatoria do colegiado. O impasse atrasou a abertura dos trabalhos antes do recesso parlamentar.

Com o retorno das atividades neste começo de fevereiro, ainda há uma expectativa que a comissão finalmente ande, embora a dinâmica política (em ano eleitoral) e o retrospecto da Casa indiquem justamente o contrário.

Um levantamento feito pelo **Jornal da Metropole** mostra que, em toda história moderna da AL-BA, apenas quatro comissões tiveram algum tipo de andamento (*confira infomação completa no box ao lado*).

A própria Casa não trata com cuidado o histórico das investigações ocorridas. Em documento enviado à reportagem, pela assessoria de imprensa da AL-BA, há uma relação com 50 CPIs listadas, sendo a primeira delas em 1979, sobre grilagem de terras.

O levantamento, no entanto, não explica quantas foram apenas requerimentos iniciais, quantas foram efetivamente instauradas e finalizadas, ou ainda o registro dos relatórios propostos pelos parlamentares, que deveriam representar um resul-

tado concreto para a sociedade.

Para o cientista político Cláudio André de Souza, professor e pesquisador da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), três elementos impedem que a Bahia crie uma tradição investigativa em seu braço legislativo. São elas: “1) a vontade de trabalhar, já que criar uma CPI dá trabalho; 2) a cultura política, que faz o legislativo não se enxergar como fiscalizador e 3) o sentimento de cavalheirismo entre os parlamentares”.

Souza ainda pontua que, em casos envolvendo grandes empresas — exatamente o que ocorre na CPI da Coelba — há uma predisposição entre muitos parlamentares em não se envolver diretamente nestas questões.

“Até 2016 tínhamos o financiamento empresarial em campanhas políticas, então a relação de políticos passava por esses interesses privados, isso pode ser um dos motivos, uma parte pode não querer mexer na outra. Em geral, no Brasil, quem tem a maioria são os governos e nenhum governo quer uma CPI. Isso se aplica também as Câmaras Municipais”, pontua o cientista político.

De fato, a Câmara Municipal de Vereadores de Salvador (CMS) também não passa ilesa. Em toda sua história não há um único registro de CEI (Comissão Especial de Inquérito), equivalente à CPI, instaurada





no plenário Cosme de Farias.

Em comparação, na Câmara Municipal de Feira de Santana, segunda maior cidade da Bahia, está em curso uma investigação sobre despesas e contratações de pessoal na Secretaria Municipal de Saúde durante a pandemia. Em Cruz das Almas, cidade com 60 mil habitantes, uma comissão apura a morte de um paciente por suposto erro médico e falsificação de assinatura.

ENGAVETAMENTO

A força política dos agentes investigados, em contraste com o apoio das bancada que costumam alinhar a AL-BA e CMS, levam a inúmeros casos de engavetamentos de comissões nestas duas casas.

O exemplo mais marcante foi a CPI dos Grampos, em 2003. O inquérito aberto para apurar o caso dos grampos telefônicos, em acusações feitas a Antônio Carlos Magalhães, teve maioria para indicar o presidente e o relator da CPI, além de também conseguir uma ampla vantagem sobre a oposição: formar a comissão por cinco parlamentares do governo, contra três que não seguiam a liderança de ACM.

Aberta em seu primeiro dia de trabalho, a CPI durou apenas dez minutos, sendo arquivada “por falta de objeto”.

“O engavetamento aqui seria usado entre aspas para demonstrar que, na verdade, nenhuma informação concreta

foi apurada. Outro ponto é que, da forma que são realizadas as composições dessas comissões, elas já iniciam comprometidas. Mas a nossa cultura de investigação não é forte porque, a despeito das divergências ideológicas que existem entre os deputados, existe uma preocupação corporativa que, a partir de um fato apurado, isso pode trazer muitas consequências negativas, não só para um determinado político, mas também para as pessoas que ele faça algum tipo de aliança”, diz a advogada, professora e especialista em direito eleitoral, Érica Silva Teixeira.

Érica também explica que os parlamentares possuem especial atenção durante as eleições — lembrando que elas ocorrem a cada dois anos, para renovar mandatos na Câmara Municipal e também Assembleia Legislativa.

“A CPI tem esse cheiro de fumaça do bom direito, de que se está apurando um fato, ainda que não tenha se chegado a conclusão nenhuma. Se a gente olha para CPI da Covid, como exemplo, a medida que os fatos vão se apresentando começam a bater em muitas portas, não só quem está no governo, mas também quem está na oposição. Independente do desfecho, e que no Brasil isso acaba não sendo uma preocupação, o fato político narrado acaba sendo muito preocupante, sobretudo em ano eleitoral”, pontua a especialista.

AS QUATRO CPIS DA AL-BA

CPI DA GRILAGEM

No dia 28 de abril de 1979, a Assembleia Legislativa da Bahia realizou a instauração da CPI da Grilagem. A Comissão partiu de denúncias feitas pelo jornal Folha de S. Paulo. A CPI da grilagem da Bahia finalizou as suas atividades em março de 1981 sem levar a cabo todas as investigações a que se propôs. O relatório final teve nove páginas



CPI DO COMBUSTIVEL

Em 2006, as 20 mil folhas de provas e indícios de irregularidades na comercialização de combustíveis na Bahia resultou na abertura da comissão. Da CPI derivou um projeto de lei que propôs assegurar ao consumidor o direito de obter informações corretas sobre a procedência dos produtos comercializados no estado

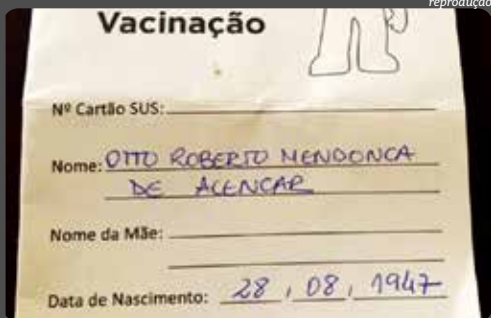
CPI DA EBAL

Em 2007, a CPI da Ebal enviou ao Ministério Público o relatório final que solicitava o indiciamento de 14 pessoas por formação de quadrilha, improbidade administrativa, peculato, falso testemunho, dentre outros crimes. O documento foi entregue ao procurador geral de Justiça



CPI DA TELEFONIA

O relatório da investigação rendeu, em 2014, a proposta de assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) entre as operadoras Oi, Vivo, Tim, Claro. Pelo TAC, as operadoras se comprometeram a ampliar a cobertura de sinal 3G em 34 municípios ainda sem acesso à internet móvel de qualidade, na época



reprodução

Desmente mais uma

Pela segunda vez para desmentir uma fake news, o senador baiano Otto Alencar (PSD) precisou publicar na rede social documentos que comprovam suas posições. Em junho do ano passado, ao confrontar a médica negacionista Nise Yamaguchi na CPI da Covid, o baiano foi acusado de não ser formado em medicina. Para desmentir, requereu um comprovante a UFBA, mostrando que se formou nos quadros da instituição em 1972, tendo exercido, também, a função de professor-assistente na cadeira de ortopedia e traumatologia. Agora, após ter sido acusado de não ter se vacinado contra a Covid-19, Otto tornou pública sua carteira de vacinação, provando que tomou as três doses do imunizante.



Vilas-Boas namora o MDB

Ex-secretário da Saúde da Bahia, Fábio Vilas-Boas tem mantido conversas avançadas com o MDB, partido pelo qual deve se lançar candidato a deputado federal em outubro. O governador Rui Costa (PT) tenta tirar o MDB da base de apoio de ACM Neto (DEM) e a participação de Vilas-Boas seria crucial nesta ação. A legenda, no entanto, ainda não definiu a entrada do ex-secretário e nem o desembarque definitivo na chapa petista.

Nilo na busca pelo Senado

O plano do deputado Marcelo Nilo (PSB) de concorrer ao Senado Federal nas eleições de outubro está próximo de se concretizar. Depois do afastamento do grupo de Rui, Nilo tem mantido conversas próximas com ACM Neto. Pelo plano, ele ingressa no Republicanos e ajudaria a eleger dois candidatos à Câmara Federal (os nomes já estariam definidos). Em troca, recebe a indicação única da chapa para o Senado.

Rescaldo da pesquisa eleitoral

A pesquisa eleitoral do Instituto Opnus, contratada pelo Grupo Metropole, movimentou o bastidor político na Bahia. O levantamento foi o primeiro no estado em 2022 e mostra dois cenários distintos: no primeiro, ACM Neto desponta na frente, com 52% dos votos. No segundo, com apoio de Lula, Wagner passa na dianteira, com 46%. O resultado desagradou os demistas, que asseguram que a campanha não será nacionalizada. "Neto não vai nacionalizar a eleição. Seu palanque vai estar aberto para todos que fizerem parte da base", disse o líder da oposição, Sandro Régis.



reprodução



divulgação



divulgação



divulgação

Rui fisga um bolsonarista

Discreto em suas ações, o governador Rui Costa (PT) fisgou um deputado bolsonarista para a base de apoio de Wagner. Após jantar com Tito (Avante), o governador puxou o deputado, campeão de votos em Barreiras, para a chapa. O movimento é calculado. A região oeste do estado é onde o PT tem o menor crescimento, mesmo abusando da imagem de Lula. Além de Tito, o deputado Raimundo Costa, do PL, também participou de negociações com o governador e pode ser o próximo a aderir ao grupo petista.



Barbárie na praia

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Uma semana inteira de silêncio sobre uma morte bárbara. Um linchamento, a pauladas, num quiosque de praia chamado Tropicália, em uma das áreas mais badaladas do Rio de Janeiro, a Barra da Tijuca. Embora só tenha se tornado notícia nacional no dia 31 de janeiro, às 23h do dia 24, na segunda-feira anterior, Moïse Mugenyi Kabagambe, já estava morto.

Congolês, Moïse tinha 24 anos. Desde 2011, vivia, estudava e trabalhava no Brasil, sob a condição de refugiado político, fugido da guerra civil em seu país, de onde veio com mãe, irmãos e outros parentes. Foi espancado, linchado, no quiosque onde trabalhava servindo coisas na praia. Mais de 30 pauladas, tudo comprovado por imagens de câmeras de segurança. Sete pessoas aparecem nas imagens. Cinco participam do linchamento. Durante 26 minutos de gravação se vê desde o início das agressões até a tentativa inútil de reanimação, quando lhe aplicam gelo nos braços e massagens cardiorrespiratórias.

Os matadores, todos, são até agora apontados como trabalhadores dos quiosques e todos conhecidos de Moïse. Aparentemente estavam tão certos de que não haviam feito nada demais, tão certos da impunidade que nem se deram ao trabalho de sumir com o corpo. Amarraram o corpo morto numa escada ali bem perto dos quiosques. Mais um

dia normal de pessoas normais numa praia normal no Rio de Janeiro. O episódio, essa barbárie, só se tornaria assunto público de abrangência nacional uma semana depois, quando, por mobilização da família e de entidades negras, chegou à imprensa.

O que se sabe até agora: Moïse tinha duas diárias para receber do quiosque Tropicália, no valor de R\$ 200,00, e acabou do gerente na noite da segunda-feira em que morreu. A cobrança se transformou em discussão. O gerente e outros homens que fazem bicos no estabelecimento e em outros quiosques vizinhos avançaram sobre o rapaz e espancaram até a morte, com requintes de tortura, amarrando-lhes pés e mãos. Como sempre, em casos parecidos, a defesa dos acusados já expeliu uma das teses que sempre responsabilizam a vítima.

SUCESSO E FRACASSO ENTERRADOS

Nas palavras do advogado, o dono do quiosque nada tem a ver com o episódio, não havia dívida alguma e Moïse foi agredido por outra razão. Ele teria ido ao Tropicália beber e, aparentemente embriagado, avançou sobre o freezer do quiosque para pegar cervejas. O gerente, ao enfrentá-lo para impedir o acesso à bebida, teria sido defendido pelos homens que estavam no local e perdeu-se

o controle da situação. Cinco pessoas juntas espancam uma pessoa amarrada com mais de 30 golpes de porrete, duas assistem e isso é descrito como perda de controle da situação, em que ninguém tem culpa e a vítima foi a responsável por gerar a circunstância. Os primeiros três presos argumentam que não queriam tirar a vida de ninguém. Para quem tem estômago, uma olhada nas cenas revela a dimensão da irracionalidade de quem não quer matar.

O linchamento de Moïse escancara a brutalidade brasileira que vai se normalizando e normatizando nas ruas, na praia, em qualquer lugar. A barbárie do caso nega a tese batida de que basta cuidar dos filhos, lhes dar educação e princípios que tudo haverá de dar certo. A profundidade da violência orgânica brasileira é de uma ordem tal que se tem cada vez mais a impressão de que, para os pobres e vulneráveis, mesmo em se fazendo tudo certo, sucesso e fracasso serão enterrados juntos. A família de Moïse fez tudo certo. Buscou meios de tirar os filhos de um país convulsionado por guerras tribais e civis e veio para o Brasil, país imaginado por eles como uma mãe acolhedora, um lar novo onde se poderia viver, estudar, trabalhar e sonhar com um futuro viável. Não é: somos um país onde, nesse exato instante, em algum lugar, há alguém morrendo de violência gratuita.



A solidão tem cor e gênero

Atravessadas pelo preconceito, mulheres negras são preteridas em relações amorosas, guardando traumas durante a vida. Ciências sociais passaram a mergulhar sobre o tema e discutir as nuances do racismo

Texto Tailane Muniz

tailane.muniz@radiometropole.com.br

Rosa de Almeida Santos é mãe solo e, em toda a sua existência, teve apenas um relacionamento. Aos 48 anos, a diarista não nega costume à vida a dois. Na casa de dois cômodos, no Curuzu, só tem espaço para ela e o filho único, um adolescente de 17. “A essa altura, nem faz sentido”, diz a mulher — negra, nascida e criada nas imediações da Senzala do Barro Preto, sede do Ilê Aiyê — quanto à possibilidade de uma segunda relação.

A preocupação de Rosa é juntar os trocados para colocar o feijão no fogo. “Me sinto sozinha, às vezes, mas é porque sou só pra tudo. Não por não ter um homem”.

O que pesa sobre os ombros de Rosa pode não ter ligação com a ausência de uma troca afetiva, do amor romântico, propriamente, mas resulta de uma equação que sentencia mulheres negras sob normas de estigmas, rejeição e consequente solidão, analisa a doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), a socióloga Gabriela Bacelar.

É um deserto que diz sobre relacio-

namentos, mas que toca também as demais relações sociais, sintetiza Gabriela, ao observar a relação entre a tendência à solidão e o comportamento apresentado por Natália Deodato, uma das poucas integrantes negras da atual edição do Big Brother Brasil.

Na semana passada, durante uma festa, a jovem manicure demonstrou tristeza ao constatar que, horas depois de a rejeitar, um colega de confinamento formou casal com uma mulher branca. “O choro dela é o de muitas de nós, ao longo da vida. E é uma forma de quebrar o silêncio e reivindicar o porquê dos padrões”, diz.

Para Bacelar, as lágrimas da jovem são partilhadas até mesmo por mulheres como Rosa. A manicure tem menos da metade da idade da baiana e ostenta o corpão que Rosa recorda jamais ter portado. Em comum entre elas, além da afrodescendência, está a infância marcada pelo trabalho braçal.

“É importante politizar o assunto. Política não é só um campo formal, distante de nossas relações cotidianas e de trabalho. Tudo isso [a solidão da mulher negra] está atravessado por questões que consti-

tuíram a sociedade, que é racista e que hierarquiza corpos”, explica Gabriela.

Natália, do BBB 222, tem vitiligo e costuma repetir o quanto é uma “mulher forte”. Rosa assegura o mesmo à reportagem. A jovem do reality considera, contudo, que pessoas negras “têm coração, sentimentos”, como quem diz que a sociedade está alheia ao fato.

Ao passo que a diarista, sem nem tocar no ponto afetivo, divide o relato

de uma mãe solo, sem emprego fixo, que tem a responsabilidade de criar e sustentar sozinha um adolescente.

“Fortes, resistentes, lutadoras. Por quê? Porque todos nós reconhecemos de primeira as dificuldades colocadas pelo racismo. O que mais mulheres negras podem ser, se tirarmos [o racismo] desta equação?”, indaga a pesquisadora.

Ao sentir-se só, Rosas e Natálias não refletem apenas sob a

perspectiva de quem não tem um relacionamento, afirma a enfermeira Carine Luiza Costa, 37 anos. “Nunca é só uma questão afetiva. É uma solidão muito ampla, engole a gente”, relata Carine, ao compartilhar que viveu a primeira experiência sexual aos 24.

“Fui criada sem pai. Na adolescência, eu e minha irmã ajudávamos nossa mãe na banca de frutas [em uma feira], só sobrava tempo para estudar para tentar ter um destino diferente”.

Ainda assim, Carine atribui à aparência o fato de ter dado o primeiro beijo aos 19. “Eu era bolsista em um colégio particular e as meninas, brancas, iam ao shopping convidadas por outros colegas. Nunca fui. Eu pensava: ‘quem sabe se eu escovar o cabelo?’. Mas já entendia que aquilo era racismo porque minha mãe, mesmo com pouco conhecimento, tinha uma consciência racial meio instintiva, e falava muitas coisas sobre negritude. Até os 23, sexo não existia para mim”, relata a enfermeira, que enfatiza sua condição de mulher magra.

Especialista em Gestão de Políticas Públicas de Gênero e Raça, Cláudia Isabele Pinho lembra que este tema costuma ser bastante discutido sob a perspectiva heteronormativa, mas que vai além.

“A gente invisibiliza muitos casos. Não ter um homem ou não ter uma mulher, desconsiderando outros arranjos familiares, outras circunstâncias, como negras e negros no âmbito da escravidão. Tudo isso proporciona similar solidão”.

A dificuldade de acesso a direitos básicos também remete a uma espécie de deserto, completa. “A solidão [da mulher negra] é um sentimento vivido sob outros conflitos, como a maternidade solo [vivida por Rosa] e tantas outras causas e consequências. A sociedade impõe períodos de solidão a corpos negros”, comenta Cláudia, que coloca a possibilidade da “opção ética” como uma outra face desta experiência.

O conceito parte da ideia de que, em uma sociedade racista e misógina, algumas mulheres — aquelas com maior “consciência racial e política” — escolhem ficar sozinhas, como forma de preservação. “Nesses casos, é natural que haja um intervalo entre um relacionamento e outro, ou que ela não veja em qualquer

homem a representação do amor romântico”. A pesquisadora salienta, no entanto, que não é unanimidade. Trata-se, a propósito, de uma parcela que só existe devido à amplificação do ambiente democrático, defende Isabele.

FEMINISMO NEGRO

Ambiente incomum à diarista Rosa, que nunca antes refletiu a trajetória de relações, dores e violências que sofreu até livrar-se, há dez anos, da relação abusiva que suportou por sete. “Graças à luta do movimento negro, feminista, e todo o ecossistema dos direitos humanos. Houve um fortalecimento do debate público. Há 30 anos, o entendimento era outro. A geração atual acompanha a militância”, sinaliza a cientista social.

A solidão é descrita como um posicionamento político por Carla Akotirene, doutora em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pela Ufba. “Cor, bagagem acadêmica, corporeidade, vitiligo ou por recusa a relações às escondidas”, enumera a pesquisadora, em publicação no Instagram, sobre a rejeição da manicure Natália.

O preterimento, continua Akotirene, não está resumido ao fato de ter ou não alguém para transar. Carla cita a autora feminista americana bell hooks (1952 - 2021) para lembrar circunstâncias em que mulheres dão sexo na expectativa de afeto. No contexto da solidão, a pesquisadora considera que todo mundo, de forma individual ou coletiva, conhece as próprias expectativas “sexo-amorosas”.

No entendimento da escritora e feminista negra Joice Berth, toda mulher da pele preta já se percebeu sozinha. Em texto publicado nas redes sociais, Berth resume a negação de amor às mulheres negras como estratégia de enfraquecimento.

“Usada pelo machismo e racismo, ambos aliados de longa data”. Nas palavras de Joice, o amor mercadológico — aquele que atende ao romantismo — é um caminho essencialmente excludente, pavimentado para o adoecimento. Imortalizada referência mundial do feminismo negro, bell hooks reivindica em sua extensa obra a condição de vida à base de pouco (ou nenhum amor) como a maior e mais dolorosa verdade sobre mulheres negras.



Popular, mas não no preço

Crise na produção faz disparar preço de automóveis no país; carro popular tem custado até R\$ 70 mil

Texto **Maria Clara Andrade**
maria.andrade@radiometropole.com.br

Em março de 2020, ao entrar em uma concessionária em busca de um carro Gol, sem nenhum quilômetro rodado, o consumidor iria se deparar com um valor próximo a R\$ 48 mil segundo a Tabela Fipe — que expressa os valores médios de veículos no mercado nacional, balizando as negociações.

Ao fazer essa mesma busca agora, em fevereiro de 2022, a chance de encontrar o mesmo carro por menos de R\$ 70 mil é mínima. Em média, um Gol novo (1.0, flex) está sendo vendido por R\$ 72.026. A variação de mais de R\$ 20 mil em um intervalo de tempo inferior a dois anos representa um aumento de 48% no valor final.

A pandemia produziu um efeito arrebatador no mercado de automóveis. A falta de insumos e a desvalorização da moeda foram os principais fatores para essa alta. A expectativa é que o mercado ainda leve tempo para retomar os valores praticados antes da chegada da Covid-19.

Quem precisava de um carro novo, claramente, sentiu a alta. A professora Giselia Brito, 40, tinha carro próprio desde os 19 anos. Mas há cerca de três meses voltou

a usar o transporte público. Seu carro vinha precisando de reparos constantes e quando parou no meio do caminho para o trabalho, Giselia percebeu que não dava mais para continuar com ele. Vendeu e agora não tem previsão de quando vai adquirir um novo.

“Eu fui em várias concessionárias e os valores estavam exorbitantes”, conta.

Para quem está buscando um carro popular, a sensação é de que eles estão praticamente extintos do mercado. Afinal, o modelo zero quilômetro mais barato está na faixa dos R\$ 48 mil. É o Renault Kwid, segundo a Tabela Fipe.

Novos requisitos têm feito com que muitos dos carros populares que nós conhecemos saiam de linha. O professor de Economia da Universidade Federal de Viçosa, Leonardo Chaves, explica que novas legislações surgem a todo momento e cita o exemplo da Kombi e o Uno Mille, que foram descontinuados em 2014, por não atenderem a exigência de que todos os novos carros tivessem ABS e airbags.

“Em 2023 novas alterações na legislação incluíram o controle eletrônico de estabilidade como item de série. Em resumo, parece que o carro novo básico de 2023 não vai ser tão básico assim. Ele vai



ser mais seguro e poluir menos. Isso custa mais caro”, considera.

A CRISE DOS SEMICONDUTORES

O aumento no preço dos carros não é uma exclusividade no Brasil. O mercado mundial foi afetado pela diminuição na produção de matéria-prima. Com as fábricas paradas, iniciou-se a crise dos semicondutores — espécie de chip, produtor de corrente elétrica, presente nos carros.

“Esse componente teve problema na sua produção. Isso fez com que as montadoras não conseguissem produzir carros acompanhando a demanda por eles”, explica Frederico Gomes, professor de Economia e Finanças do Ibmecc.

Enquanto os carros não eram produzidos, os consumidores, por outro lado, faziam filas por eles. Segundo Rafael Albuquerque, gerente de vendas da Sanave, concessionária de Salvador, em determinado momento da pandemia o estoque de veículos acabou. “Começou a ter consumidor querendo carro e não ter produto para a venda”, relembra.

Albuquerque trabalha no ramo de veículos há mais de 18 anos, cresceu com familiares nesse meio. Ele afirma nunca



Feirão de carros seminovos em Salvador não tem atraído tantos clientes, atrasando saída no estoque



1 - Renault Kwid Life 1.0

2 - Fiat Mobi Easy 1.0



3 - Hyundai HB20 1.0 Sense

4 - Fiat Grand Siena 1.0



5 - Chevrolet Joy Black 1.0

6 - Fiat Uno Attractive 1.0



7 - Volkswagen Gol 1.0

8 - Fiat Argo 1.0



9 - Chevrolet Joy Plus Black 1.0

10 - Chevrolet Onix 1.0



Top 10: carros populares 0 KM

	R\$
1	48.790
2	48.890
3	63.690
4	64.290
5	65.200
6	66.290
7	67.790
8	68.490
9	70.030
10	70.330

preços médio praticado pelas principais marcas do mercado

ter visto uma oscilação tão grande no preço de veículos desde a implantação do real, em fevereiro de 1994. Mas, mesmo com o preço subindo cerca de 2% a cada mês na concessionária onde trabalha, analisa o gerente, a falta de compradores não chegou a ser efetivamente um problema.

Para os próximos meses de 2022 a expectativa é das melhores. “As montadoras se prepararam ao longo desse ano com o plano de construir o próprio semicondutor. As empresas estão voltando a todo vapor, com ajustes nos preços”, afirma o gerente, que projeta: mesmo o carro estando mais caro, as vendas vão subir.

No cenário de vendas de seminovos, a empolgação não é a mesma. O salto nos preços dos carros zero quilômetro fizeram com que os seminovos também se valorizassem. No entanto, as vendas não acompanham o mesmo ritmo.

“Eu já cheguei a vender 28 carros em um estoque de 20. Isso se chama de ‘virar o estoque’. Você vira o estoque quando vende num mês a mesma quantidade, ou mais, do que você tem no estoque”, conta Jaudemio Pereira, sócio da loja Car Store Multimarcas. Nos últimos meses, a média tem sido de 13 carros vendidos a cada 20 em estoque.

Com relação à atual crise causada pela Covid-19, o preço dos automóveis ainda deve levar algum tempo até cair. A produção dos semicondutores ainda não está estabilizada e, no Brasil, a desvalorização do real frente ao dólar torna os produtos importados ainda mais caros.

Para quem quer um carro novo, a dica dos economistas é a mesma para outras grandes transações financeiras: evitar o financiamento sempre que puder.

“Ainda não inventaram nenhuma forma melhor de barganhar do que pagando à vista. Então, essa é a minha sugestão para o público em geral”, diz Chaves. Porém, para boa parte dos consumidores essa não é uma opção possível. Nesses casos, Chaves pede cautela com a análise das taxas de juros para que não se endividem mais do que pretendiam.



2 anos sem o dia 2

Pandemia impede festa de Iemanjá, mais popular dos orixás da Bahia; devotos, no entanto, encontram formas de manifestar a fé

Fotos **Manuela Cavadas**
 Texto **Geovana Oliveira**
geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Os primeiros fogos puderam ser ouvidos às 5 horas da manhã, com o anúncio da alvorada dos pescadores. Uma hora depois, no entanto, a praia do Rio Vermelho ainda estava vazia. Os tapumes e a Guarda Municipal garantiam que nenhuma das pessoas em branco e azul conseguisse passar. Em mais um ano da pandemia, Salvador não fez festa para Oyá.

Se antes, nesse horário, já havia multidão, agora na mureta estão apenas os remanescentes da noite anterior e alguns dos devotos que madrugaram. O som, que costuma ser dos atabaques e do agogô, é substituído pelo barulho do mar.

“Tomar um axé, meu amor, venha”, chama a baiana. Ainda é dia Dois de Fevereiro.

Apesar das restrições da Prefeitura de Salvador, para evitar a proliferação da Co-



1

Foto 1: Devotos jogam flores e louvam Iemanjá no Rio Vermelho
Foto 2: Mulher usa roupa do orixá na praia
Foto 3: Baiana Maria da Penha homenageia a filha todo dia 2
Foto 4: Barco que levou o presente ao mar



vid-19, foi mantida a entrega do presente principal ao mar. Neste ano, uma escultura em formato de cavalo marinho para trazer união e prosperidade. “O cavalo marinho vem do mar. É um fruto que pertence aos pescadores. É de fartura, cultura, alegria, de amor, união. E é próspero”, explica o babalorixá Pai Ducho, do terreiro Ilê Axé Awa Ngy, responsável pela elaboração do presente pelo segundo ano consecutivo.

Na plateia, sem encostar os pés na areia, o público, reduzido, aplaude a entrega da escultura à Rainha do Mar. Eles são turistas, soteropolitanos, do axé ou sem crença alguma, aniversariantes do dia, filhos de Iemanjá, netos seguindo a tradição de avós, visitantes de primeira viagem e pagadores de promessas.

O pescador Jorge Amorim, ou Azul, como é conhecido pela cor do olho, conta que tem toda relação possível com a mãe das águas. Ele mesmo nasceu na praia, assim como o filho, no Alto da Sereia — há alguns metros de onde Iemanjá é celebrada anualmente. “Ontem mesmo, por incrível que pareça, não pedi. E fiz o que não faço. Eu geralmente só como coisa que pego nas pedras, mas eu vinha passando ali na beira da praia e encontrei um rodeão grande, vivo, que peguei de mão. Aí já levei para casa”, conta, ligando o feito ao orixá.

O antropólogo Marlon Marcos, filho de Iemanjá, fala da proximidade dos baianos com a festividade. “Essa ideia de ser baiano é que nós estamos à beira do mar da Bahia. Dentro das narrativas de ketu, Iemanjá é mãe de todas as águas, mãe dos peixes, mãe das vidas e aqui no Brasil passou a ser mãe da água salgada. Para os africanos, não é que o mar seja elemento pertencente a Iemanjá. É que o mar é a própria. Esse mar que banha a cidade de Salvador dá um tempero, modifica o nosso comportamento, somos socializados nele. Ela é nosso mar, e como oceano ela nos dá feição. A gente entra no mar e a gente se benze”, analisa.

Segundo Marlon, a festa do dia dois de fevereiro ganhou uma proporção tamanha que tornou Iemanjá a festa mais potente do candomblé, por ter se distanciado de qualquer tutela com a Igreja Católica.

“Ficar sem essa festa é ficar num estado de luto, num aspecto de tristeza. Ficar sem isso é como se a gente perdesse um pouco

da nossa identidade, da nossa força como povo”, explica o antropólogo.

DEVOÇÃO

É por essa relação forte que Maria da Penha, já com 52 anos de prática no Candomblé, vai à praia entregar pelo menos um baiao desde que sua filha, Jane, nasceu no dia 2 de fevereiro. Ela e o marido Pedro ainda pagam a promessa a Oyá, mesmo depois da filha já ter partido para o Orun.

“Todo ano eu venho trazer o presente dela, oferecer às águas. Dá aquela emoção, é uma energia...”, diz a baiana de acarajé, sem conseguir explicar em palavras exatamente o que sente.

Já Sandra Nascimento, que também nasceu no dia 2 de fevereiro, aproveita o clima para celebrar seus 58 anos. Ela e a filha Dandara, finalista da Deusa do Ébano do Ilê Aiyê, comemoram e chegam a ser paradas por turistas para tirar fotos. As duas mulheres negras posam em frente à escultura de Iemanjá negra, no Largo da Mariquita. “Eu tô toda feliz. Hoje não durmo. É um dia de celebridade”, brinca Sandra.

“Desde os seis anos de idade que eu venho. É tradição da minha avó, que passou para a minha mãe, que passou para mim e assim vai. Com festa ou sem festa, a gente tá aqui”, conta a aniversariante.

A falta de festa também não impediu os turistas de vestirem azul e se aproximarem da Colônia de Pescadores. Messias Dieb, de 52 anos, e Gustavo Albuquerque, de 32, participaram pela primeira vez da homenagem. O casal, natural de Pernambuco, já havia participado de festejos em Recife, mas eles resolveram esticar a viagem de férias para passar o 2 na Bahia.

“Justamente por ser nossa primeira vez aqui o sentimento de frustração é muito maior por não estar tendo a festa. Mas a energia que se sente é muito boa. Senti algo muito bom ao receber a benção das baianas, mesmo não sendo dessa matriz religiosa. Bênçãos são sempre bem vindas”, diz Messias.

Sem poder descer para molhar os pés na água, boa parte dos devotos cortou caminho até se aproximar de um trecho da praia sem as barreiras. No trajeto, uma propaganda fazia questão de lembrar a razão do cancelamento da festa: “entrega de exames em até 24h”, estampava a placa.





divulgação

Havia uma mentalidade antissemita no Brasil (...) Isso mesmo depois das notícias de Auschwitz

ENTREVISTA

Maria Luiza Tucci

HISTORIADORA E ESCRITORA

Entrevistada por Mário Kertész na **Rádio Metropole** no Dia Internacional da Memória das Vítimas do Holocausto, a professora, pesquisadora e historiadora Maria Luiza Tucci falou sobre a contribuição secreta do Brasil para o extermínio de judeus durante a II Guerra Mundial.

Maria Luiza citou os governos Vargas (1930-1945) e Dutra (1946-1951) como condescendentes com a política de privação da entrada de judeus no Brasil, o que acabou gerando fatos deturpados no país. “Havia uma mentalidade antissemita. Temos várias ações tanto por parte da polícia política, perseguindo judeus que são vistos principalmente entre 1937 em diante, acusados de serem comunistas perigosos e também como exploradores de brasileiros”, detalha. “[No governo Vargas] nós temos pelo menos 26 circulares e ordens de serviços proibindo a entrada de judeus e, durante o governo Dutra, nós temos a persistência e continuidade destas circulares. Isso mesmo depois das notícias de Auschwitz”, revela.

Neste contexto, a historiadora reforça o importante papel de Aracy Guimarães Rosa, prestadora de serviços ao Ministério das Relações Exteriores no governo Vargas e esposa do escritor João Guimarães Rosa. Aracy foi agraciada pelo governo de Israel com o título de “Justa entre as Nações”, pela ajuda que prestou a muitos judeus para entrarem no Brasil. “Ela ajudava estas pessoas que procuravam o consulado em Hamburgo a falsificar, de uma ou de outra forma, a identificação como judeu”, explica.

NEGACIONISMO

As ações de Aracy foram representadas na série ‘Passaporte para Liberdade’, dirigida por Jayme Monjardim e disponível na GloboPlay. Baseada no livro ‘Justa’, de Mônica Schpun, apoiado em quatro testemunhos, a obra sofreu questionamentos. “São historiadores mal informados”, crava a pesquisadora Maria Luiza. Segundo ela, “negar os testemunhos é colaborar para o negacionismo do Holocausto porque são testemunhos reconhecidos”. Maria lembra que os documentos presentes no Arquivo Histórico do Itamaraty são assinados pelo diplomata João Guimarães Rosa, pois Aracy era apenas uma funcionária do ministério.



ENTREVISTA

Paulo Markun

JORNALISTA E ESCRITOR



divulgação

Autor do livro 'Recurso Final', publicado em setembro de 2021, o jornalista Paulo Markun, em entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metropole**, contou um pouco sobre a investigação da Polícia Federal que levou ao suicídio de um reitor em Santa Catarina. Ao tomar conhecimento sobre o trágico fim de Luiz Carlos Cancellier de Olivo, Markun resolveu investigar mais profundamente a história e descobriu um acúmulo de inconsistências.

"Eu acompanhei, como grande parte dos brasileiros, ao noticiário de 24 de setembro de 2017, quando a imprensa toda divulgou e reproduziu as informações que a Polícia Federal tinha colocado no Facebook, dizendo que tinha desbaratado uma quadrilha que havia roubado R\$ 80 milhões na Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC], e que o líder dessa quadrilha era o reitor da universidade. Eu confesso que naquele momento, quando vi a notícia, fiquei espantado. Não sabia, naquele instante, que o reitor eu já conhecia: ele já foi assessor político em Florianópolis, conheci pessoalmente, esteve na minha casa. E muito menos que essa história teria um desfecho terrível, 19 dias depois", contextualiza.

A obra se refere à Operação 'Ouvidos Moucos', na qual 100 agentes da PF prenderam sete pessoas da universidade: o reitor, um funcionário e seis professores, sob a grave acusação de desvios de verba. No dia 2 de outubro de 2017, o reitor acabou saltando do sétimo andar de um shopping de Florianópolis e deixou um bilhete dentro do bolso da calça que dizia: 'minha morte foi decretada no dia em que fui banido da universidade'. Intrigado, Markun estudou mais de 20 mil páginas de documentos, entre inquéritos policiais, do Ministério Público e da Corregedoria da Universidade e entrevistou mais de 50 pessoas. "Resumo da ópera: verifiquei que, na verdade, nenhuma das acusações contra o reitor ficava de pé", conclui.

IMPUNIDADE

"Até agora não houve nenhuma punição. A Polícia Federal abriu um inquérito para investigar a ação da delegada que comandou esta operação, Erika Marena, autora do título da 'Operação Lava Jato'. Recentemente, a 'Vaza Jato', do Intercept, revelou diálogos entre o procurador Dallagnol e a delegada Erika Marena, depois da morte do reitor. Eles revelam uma espécie de descaso pelo suicídio, e mais do que isso: indicam a intenção da delegada de fazer uma 'Lava Jato' na universidade, na educação, por achar que aliestava o financiamento político do PT", afirma o jornalista. Apesar da impunidade, Markun acredita que a história serviu para refletirmos sobre o modo de condução de ações do tipo. "A decisão trágica do reitor, de cometer o suicídio, achando que a imagem dele não seria mais resgatada, influenciou para que a gente tenha hoje no Brasil um entendimento mais claro de que não dá para colocar o peso que se colocava nas operações 'tipo Lava Jato' e muito menos pré-julgar qualquer pessoa ou instituição. E aí eu incluo a Polícia Federal, a imprensa, o Ministério Público e a Universidade", diz.

ENTREVISTAS



METROPOLE

VEM PRA ESCOLA

>>> VOLTA ÀS AULAS NA REDE MUNICIPAL <<<



26,4 k



7,3 k



135



As aulas nas escolas municipais já voltaram, seguindo todos os protocolos. É hora do futuro das nossas crianças seguir em frente.



SALVADOR
PREFEITURA

SALVADOR
PREFEITURA